

SER TÃO SERTÃO: A TERCEIRA MARGEM DO RIO

Lúcia Granja^{*}

RESUMO

Este trabalho propõe uma leitura do conto “A terceira margem do rio”, de Guimarães Rosa.

Palavras-chave: *Guimarães Rosa – Literatura Brasileira – contos*

ABSTRACT

This work analysis the Guimarães Rosa short story: “A terceira margem do rio”

Key-Words: *Guimarães Rosa – Brazilian Literature- short stories*

**“Travessia perigosa, mas é a da vida. Sertão que se alteia e se abaixa”
(João Guimarães Rosa. Grande sertão: veredas)**

O filho permanece olhando o pai na travessia que parece eterna. Tenta auxiliar o outro neste não caminho e continua em seu próprio imobilismo. Só a palavra lhe possibilitará sua própria travessia.

Ao findar seu escrito sobre “A terceira margem do rio”, Walnice Nogueira Galvão declara: “E basta. Para escrever a respeito dessa estória, seria necessário uma mão iluminada como a de Guimarães Rosa” (Galvão, 1978: 40). A frase provocadora dirige o olhar para uma realidade de “A terceira margem do rio”: é um desses textos sobre os quais todos têm algo a dizer. Um coro de vozes formou-se ao longo dos anos a respeito dele, tentando compreendê-lo por meio de aproximações místicas, psicológicas, de natureza vária enfim, ou mesmo tentando explicar qual é a terceira margem do rio. Ao que parece, a “mão iluminada” (Galvão, 1978: 40) de Rosa deixou à disposição de nossa leitura um universo de possibilidades, concentrado em pouco mais de seis laudas de uma prosa que invade os limites da poesia. Quem, depois de lê-lo, nada diz, diz da mesma forma, pois neste conto os silêncios

^{*} Lúcia Granja é Doutora em Letras pela UNICAMP. Professora de Literatura Brasileira e Teoria da Literatura nos cursos de Letras da Faculdades Padre Anchieta de Ensino e Universidade Paulista. É autora do livro *Machado de Assis, escritor em formação à roda dos jornais*, ed. Mercado de Letras, 2000.

são carregados de sentido. Como observou Audemaro Goulart, o silêncio do pai, por exemplo, é absolutamente significativo, retorno às origens, corte final com o mundo organizado, civilizado e familiar (GOULART, 2001: 17-19).

O conto nos é apresentado como um monólogo, uma confissão, uma expiação de culpa, por meio da qual o narrador acaba por nos oferecer acesso ao seu mais profundo. Como sabemos, a narrativa inicia-se tendo o pai já partido para sua inexplicável jornada. O filho narra a partir de suas lembranças do pai; fala a seguir sobre a mãe, a estrutura familiar, a confecção da canoa, a decisão e dia da partida. Segue rememorando, em ordem aparentemente cronológica, a podermos crer que a memória pode realmente assim se organizar, os fatos que se deram depois da partida, ao mesmo tempo em que vai deixando emergir, em pequenas confissões, seu padecimento. Os fatos são as inquietações da família, parentes e vizinhos, as preocupações do menino com o bem estar físico do pai, os arranjos da mãe com a fazenda, até o casamento da irmã, que logo se tornou mãe e, a partir daí, a desestruturação total da família. Nesse momento, a narrativa dos fatos é interrompida e este personagem-narrador vai expor o seu conflito interior mais intenso, costurando todas as indicações que já nos fornecera a esse respeito. Retoma, a seguir, os fatos, convergindo para um desfecho, mas sua perspectiva estará, a partir de então, completamente ligada ao seu drama interior.

Apesar do imobilismo acompanhar as atitudes do filho durante a maior parte de sua vida, ou da história que nos conta, existe também para ele o momento da travessia, questão que pretendemos abordar neste trabalho. O tema é inquietante e insistente no universo roseano. Viajando pelos caminhos mal marcados dos sertões, ou de suas almas, encontramos muitas das personagens nas histórias de Rosa, onde “existir e viajar se confundem” (Nunes, 1969: 175).

Augusto Matraga, tendo sido Augusto Esteves, conhece longa travessia, que é também a do seu mais profundo. Pode-se dizer que ela culminou em nova travessia, real e errante, a qual lhe ofereceu a oportunidade de encontrar, em sua hora e vez, a síntese de ambos Augustos que ele experienciara viver tão contraditoriamente.

O bando de Medeiro Vaz, como nos conta Riobaldo, fez difíceis travessias pelo sertão mineiro, goiano e do sul da Bahia, dentre as quais se destaca a do Liso do Suçuarão. Essa travessia parecia, a princípio, conter em si a toda dificuldade:

(...) Depois, de arte: que o Liso do Suçuarão não concedia passagem a gente viva, era o raso pior havente, era um escampo dos infernos. (...)

Nada, nada vezes, e o demo: esse, Liso do Suçuarão, é o mais longe – pra lá, pra lá, nos ermos. Se emenda com si mesmo. Água não tem. Crer que quando acaba a gente entesta com aquilo o mundo se acaba: carece de se dar volta, sempre. Um é que dali não avança, espia só o começo, só. Ver o luar alumiando, mãe e escutar como quantos gritos o vento se sabe sozinho, na cama daqueles desertos. Não tem excrementos. Não tem pássaros. (Rosa, 1986: 32)

A jornada quase impossível conheceu, em seu final, um acontecimento inesperado, acréscimo de horror insuspeitável àquela dificuldade. “Mas, para que contar ao senhor, no tinte, o mais que se mereceu. Basta o vulto ligeiro de tudo” (Rosa, 1986: 50), diz Riobaldo a seu interlocutor e narra a conhecida história do “macaco” “tombado à bala” pelos homens “zuretados de fome” (Rosa, 1986: 50), que o “desmancharam, quartejaram e estavam comendo” (Rosa, 1986: 50). Mas macaco sem rabo, bugio não podia ser, “era homem humano” (Rosa, 1986: 51).

O ex-jagunço anunciara, quase que concluindo antes mesmo de contar o terrível desfecho: “a gente viemos do inferno” (Rosa, 1986: 45), afirmação corroborada por outra: “Só saiba: o Liso do Suçuarão concebia silêncio e produzia uma maldade – feito pessoa!” (Rosa, 1986: 47). Sua narrativa presente nos indica, portanto, que, paralela aos horrores e dificuldades físicas, a sua caminhada interior ali também esteve, varando o Liso. Ele temeu a insensatez do chefe, perguntou-se sobre Hermógenes e o pacto com o diabo, observou os homens do bando tramarem a caça inconcebível e sonhou com Diadorim passando por debaixo de um arco-íris: “Ah, se eu pudesse mesmo gostar dele – os gostares” (Rosa, 1986: 47). A travessia do deserto inóspito, recriada pela narrativa do ex-jagunço, aparece em seu discurso como passos de sua viagem interior, materializados em suas dúvidas passadas sobre a vida e o amor, em suas inquietações presentes sobre o além da vida.

Em “A terceira margem do rio”, o narrador apresenta-nos, por sua vez, a história de uma travessia infundável: a de seu pai, real ou imaginária, a impedir a sua própria. Seu imobilismo mais parece uma doença (loucura?) e o faz permanecer arraigado à casa onde “a palavra *doido* não se falava, nunca mais se falou, os anos todos, não se condenava ninguém de doido” (Rosa, 2001: p.84). Qualquer que seja a sua loucura, tomada em sentido amplo, ela nos aponta o incomum, querendo nos dar a chave para o incognoscível do conto: antes do sobrenatural, ele pode estar simplesmente escondido pelo silêncio.

A palavra que não se fala nos direciona em mais uma abordagem do extraordinário enredo do conto: aquilo que não se pronuncia não está ausente e, ao que parece, pela necessidade de ser tão reprimido, poderia ser entendido como grande força de mudança para todos daquela família.

Parece certo que manifestar-se é uma forma de libertação, ao menos a narração assim nos sugere. Caso exemplar o da irmã, a primeira a ir embora, a virar as costas às amarras que a mantinham ligada ao passado, à imagem fluida e enevoadada na memória, e talvez por isso meio fantasmagórica, de um pai que, depois de anos, pareceu ao narrador ter vindo “da parte do além” (Rosa, 2001: 85).

*Minha irmã se casou; nossa mãe não quis festa. A gente imaginava
nele, quando se comia uma comida mais gostosa;(...)*

Mas minha irmã teve menino, ela mesma entestou que queria mostrar para ele

o neto. Viemos, todos, no barranco, foi num dia muito bonito, minha irmã de vestido branco que tinha sido o do casamento, ela erguia nos braços a criancinha, o marido dela segurava, para defender os dois, o guarda-sol. A gente chamou, esperou. Nosso pai não apareceu. Minha irmã chorou, nós todos aí choramos, abraçados.

Minha irmã se mudou com o marido para longe daqui. Meu irmão resolveu e se foi para uma cidade (...) Nossa mãe terminou indo também, de uma vez, residir com a irmã, ela estava envelhecida(...). (Rosa, 2001: 83)

Tendo assumido sua posição de mãe, superando a condição de filha, a irmã, “entestou”, ou decidiu-se irredutível, a apresentar o fruto dessa sua passagem ao pai. Dessa forma, ela se livrou da força daquela mãe que regia, “Nossa mãe era quem regia, e que ralhava no diário com a gente (...)” (Rosa: 2001: 79), a voz que provavelmente empurrara as manifestações sobre o pai para o *silêncio*, para o *imaginar*:

(...) Nós também não falávamos nele. Só se pensava. Não de nosso pai não se podia ter esquecimento; e, se, por um pouco, a gente fazia que esquecia, era só para despertar de novo, de repente com a memória, no passo de outros sobressaltos. (Rosa, 2001, p. 82-83. Grifo nosso)

Não tendo sido reconhecida pelo pai em seu novo papel, a irmã chorou. Seu desejo aparentemente irrealizado acabou em torrente de emoção (expressão). A partir daí, sua ação pôde determinar o abandono do lugar primitivo, a casa paterna, assim seguida pelo outro irmão, que abandonou, não só a casa, mas a história familiar ao distanciar-se dela o mais possível quando resolveu ir para uma cidade. Já a mãe, “que muito não se demonstrava” (Rosa, 2001: 81) dali moveu-se na velhice apenas. O filho, como que condenado ao silêncio, continuou sempre à espera do pai, que ocupava tanto, os seus pensamentos:

A gente teve que se acostumar com aquilo. As penas, que, com aquilo, a gente mesmo nunca acostumou, em si, na verdade. Tiro por mim que o que queria, só com nosso pai me achava: assunto que jogava para trás meus pensamentos. (Rosa, 2001: 82)

O tempo passara e ele já vislumbrava em si o próprio cansaço, os primeiros sinais dele, ao menos, conforme nos conta: “ E apontavam já em mim uns primeiros cabelos brancos” (Rosa, 2001: 84)

O filho que ali ficou, “homem de tristes palavras” (Rosa, 2001: 84), iniciou sua travessia no momento em que a saída de todos da família acentuou o seu imobilismo e solidão. Frente a frente, a partir de então, com o pai “sempre fazendo ausência” (Rosa, 2001: 84), ficou em face de si mesmo. Essa perturbação a mais na vida do filho, que o pôs diante da necessidade premente de agir, ou mover-se, coincide com o momento em que a narrativa do conto é interrompida bruscamente. Parece que o narrador se afasta da diegese e passa a cuidar da personagem, o que,

nesse caso, significa a exposição penetrante de seu sofrimento. No nível da expressão, estão juntas a interrupção do relato, o abandono do silêncio e, curiosamente, nesse momento crucial, estamos também de frente com o mais evidente uso dos recursos e efeitos sonoros das palavras no conto: “o rio-rio-rio, o rio, pondo perpétuo” (Rosa, 2001: 84). A repetição da palavra “rio” e a alteração da oclusiva bilabial surda /p/ trazem o efeito imediato da passagem do tempo, mas a polissemia de “rio” tomado, não como curso de água, mas como forma verbal, sugere o ecoar de um rio entre insano e desesperado, que sucede a confissão em palavras.

Tal como o de Riobaldo, o discurso enunciado, do filho convertido em narrador, aparece em “A terceira margem do rio” como forma de organização, pela expressão, dos descaminhos do eu interior. Apesar da aparente inconsciência, a travessia do filho dá-se por um movimento de interiorização. A narrativa é interrompida no reencontrar-se com a solidão. A ação desloca-se então “para dentro”, pois o relato cede lugar à expressão do desespero da personagem, e se aproxima ainda mais da palavra. Também a palavra esteve no centro da atitude do filho em direção a um final, já que, conforme nos conta, *chamou* o pai e *falou* o que lheurgia na alma, oferecendo-se, assim, para ocupar o lugar do outro na canoa. A partir daí, dá-se seu “falimento” completo no plano factual e a palavra passa a ser, desde então, sua única forma de ação. Por isso, põe-se a narrar.

O imobilismo do filho rompeu-se por meio de sua ação de narrador, única maneira de obter aquilo que desejava naquele momento: “E estou pedindo, pedindo, pedindo um perdão” (Rosa, 2001: 85). Apesar de definir-se como “o que não foi, o que vai ficar **calado**” (Rosa, 2001: 85. Grifo nosso), a palavra serviu-lhe, ainda, como forma de ficar perto do pai, realizando seu maior desejo só na morte, quando *pede*: “Mas, então, ao menos, que no artigo da morte, peguem em mim, e me depositem também numa canoinha de nada, nessa água, que não pára, de longas beiras: pelo rio abaixo, rio a fora, rio a dentro – o rio” (Rosa, 2001: 85).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- GALVÃO, Walnice Nogueira. **Mitológica Rosiana**. 1ª ed. São Paulo: Ática, 1978. (Ensaio, 37). Capítulo 2: “Do lado e cá”, p. 37-40.
- GOULART, Audemaro Taranto. In: DUARTE, Lélia Parreira e Alves, Maria Theresa Abelha (orgs). **Outras Margens: estudos da obra de Guimarães Rosa**. 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica/PUC Minas, 2001. Capítulo 1: “A insatisfação com as margens do rio”, p. 7-20.
- NUNES, Benedito. **O dorso do tigre**. São Paulo: Perspectiva, 1969 (Coleção Debates, nº 17).

ROSA, João Guimarães. **Grande sertão: veredas**. 20ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

ROSA, João Guimarães. **Primeiras estórias**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

ROSA, João Guimarães. **Sagarana**. São Paulo: Círculo do Livro, 1984.